

Q_LITERATURA

O LIVRO DE JOSÉ SARAMAGO QUE FICOU POR ARMAR

'ALABARDAS ALABARDAS ESPINGARDAS ESPINGARDAS' É O ÚNICO INÉDITO DO NOBEL PORTUGUÊS A DESCOBRIR. UMAS DEZENAS DE PÁGINAS QUE VALEM POR LIVROS INTEIROS

✍️ POR JOÃO CEU E SILVA

A FINAL, talvez ainda vá escrever outro livro." Começa assim a primeira anotação no diário do escritor José Saramago, feita a 15 de agosto de 2009, sobre um último romance a escrever. Que, como se sabe, nunca foi completado, nem foi além de umas dezenas de folhas finalizadas, e que na edição que dentro de setenta horas estará nas livrarias equivale a 66 páginas sem empolamento gráfico de reparar.

Um mês e um dia depois do início da escrita, Saramago volta a escrever no seu *Caderno* o seguinte: "Creio que poderemos vir a ter livro." Especifica: "O primeiro capítulo, refundido, não reescrito, saiu bem, apontando já algumas vias para a tal história 'humana'." E a 2 de fevereiro de ano seguinte, o Nobel está satisfeito com o trabalho realizado, mesmo que tivesse reclamado das interrupções no dia a seguir ao Natal, e até já encontrou o tí-

tulo definitivo – que antes era mais insípido: *Produtos Belona, S.A.* –, aquele que estava destinado a ser a epígrafe habitual nas suas obras: *Alabardas Alabardas Espingardas Espingardas*, inspirado nuns versos de Gil Vicente.

Diga-se que entre estas anotações incluídas na edição a seguir ao romance está uma profética de José Saramago: "Não estar nada seguro de poder levar o livro a cabo..." Nada que não se tenha verificado mas que, felizmente, não obstou ao legado das referidas dezenas de páginas inéditas que na próxima terça-feira serão libertadas.

Quanto ao livro *Alabardas*, José Saramago já tinha avançado a sua temática de forma pública antes de morrer, como refere numa outra nota: "O gancho para arrancar a história já o tenho e dele falei muitas vezes: aquela bomba que não chegou a explodir na Guerra Civil de Espanha." Que o escritor pensava ter lido numa referência em *A Esperança*, de



'Alabardas'

de José Saramago

Com ilustrações de Günter Grass
e textos de Roberto Saviano
e Fernando Gómez Aguilera

Porto Editora

Data de lançamento: terça-feira
ISBN 9789720046956
136 páginas, pvp 15,50 euros

André Malraux, mas veio a descobrir, já durante o processo criativo, não ter sido aí, onde só existe uma nota sobre uns fuzilamentos em Milão a propósito de uma sabotagem semelhante. Foi suficiente, diz.

E é partir desse *plot* que Saramago inicia a

sua narrativa, que tem como protagonista artur paz semedo, um funcionário de uma fábrica de armas que está a viver uma situação de separação da ex-mulher, felícia, e que para lhe agradar inicia uma investigação sobre essa alegada traição dos operários para com os donos de fazer a guerra.

Não se vai aqui contar a história de *Alabardas*, pois já são tão poucas as páginas originais que o leitor terá que não deve ser esclarecido sobre a intriga que iria mover todo o romance. Que Saramago desenvolve logo com grande amplitude neste capítulo inicial e de um modo exuberante, que provocará nos seus milhares de leitores fiéis, decerto, uma sedução e uma situação de pedir por mais. Não havendo, diminui-se o lamento com os interessantes dois outros textos do livro, o do escritor Roberto Saviano e o do especialista saramaguiano F. Gómez Aguilera, bem como as ilustrações muito sensíveis de um outro Nobel, Günter Grass.